

Humberto Gessinger é pop

Ex-líder dos Engenheiros do Hawaii recorda repertórios dos dois álbuns acústico da banda

Humberto Gessinger sobe ao palco do Vivo Rio nesta sexta e sábado (24 e 25) com show em formato desplugado celebrando os álbuns 'Acústico Engenheiros do Hawaii' (2004) e 'Acústico Novos Horizontes' (2007). No repertório estão os clássicos que fazem parte dos álbuns da banda que projetou o artista como um dos mais inventivos letristas do rock brasileiro como "O Papa

é Pop" e "Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles e os Rolling Stones", além de sucessos como "Toda Forma de Poder" e "Piano Bar".

Quando anunciou a turnê, o músico comentou a motivação de tocar os dois álbuns: "Eu poderia dizer que essa turnê é pelo aniversário de 20 anos do Acústico MTV, gravado em 2004, mas na verdade é só porque estou a fim mesmo. Além dos clássicos, escrevi canções para os dois projetos, acho que tudo vai soar bacana e atual", explicou.

Cantor, compositor e multi-instrumentista, o gaúcho Humberto Gessinger, prestes a completar 40 anos de carreira, soma em seu currículo 25 álbuns lançados e 08 DVDs, que resultaram em oito discos de Ouro, 1 de Platina, 4 DVDs de Ouro e, é claro, milhares de fãs



'Poderia dizer que essa turnê é pelo aniversário do Acústico MTV, mas é só porque estou a fim mesmo'

apaixonados por sua música.

Além deste show que celebra os projetos acústicos do Engenheiros do Hawaii, Humberto está em turnê do seu mais recente álbum de inéditas "Quatro Cantos de Um Mundo Redondo" (Deck), lançado no final de 2023, que foi gravado em Porto Alegre e na Suécia, no conhecido Estúdio Atlantis, por onde já passaram nomes como Abba, Roxette, Green Day, A-ha, Lenny Kravitz, Elvis Costello, The

Hives, entre outros.

O fim dos Engenheiros do Hawaii não se deu como uma grande ruptura, mas pela gradual desvinculação de seus membros. Em abril de 2008, a banda anunciou uma "pausa por tempo indeterminado". Essa decisão veio após um período de atividades contínuas desde o início da banda, com exceção de um breve hiato no final da década de 1990. Após a pausa, Gessinger, Carlos Maltz e Augusto Licks se

dedicaram a projetos individuais. Gessinger, por exemplo, seguiu carreira solo com grande sucesso; os outros também exploraram novas vertentes musicais.

SERVIÇO

HUMBERTO GESSINGER
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
24 e 25/1, às 21 | Ingressos a partir de R\$ 70 (meia) e R\$ 140

CRÍTICA / DISCO / PROSAS

Uma experiência sensorial

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de Prosas (independente), o primeiro álbum do Duo Conversa Brasileira, formado pela clarinetista, claronista e arranjadora Vaisy Alencar e o sanfoneiro, pianista e compositor Marcos de Sá. Ouvi-los tocar é submergir num repertório que passeia desde a música de câmara de Osvaldo Lacerda e Villani Côrtes até a música popular de Léa Freire, Carol Panesi, Fábio Leal, Luísa Mitre e Sivuca. São peças e temas brasileiros com arranjos criados a partir da instrumentação plural do duo.

Por falar em arranjo, a formação nada convencional do Conversa Brasileira propicia ao ouvinte o deleite de timbres tão variados quanto singulares, tornando a audição das dez faixas um aprazível

experimento sensorial.

"Toada" (Villani Côrtes): o clarinete inicia. O piano vem com ele e juntos interpretam um arranjo clássico do repertório de câmara, gerando já na abertura da tampa a perspectiva de momentos exclusivos.

"Passa Ponte" (Marcos de Sá): o piano abre e o choro come solto. O clarinete sola, tendo o piano a fazer-lhe a cama. Um momento ad libitum precede um improviso do piano. Logo o tema reativa o ritmo e finaliza.

"Salvia IV" (Fábio Leal): a sanfona soa bonito. Com ela o clarinete dá seus toques. Logo a peça vem pontuada por acordes ritmados. Sanfona e clarinete criam um instante de rara musicalidade timbrística.



Divulgação

"Cadenciando a Dois" (Carol Panesi): o som robusto do clarone inicia o arranjo. O acordeom brilha em acordes. Logo a melodia ganha cadência e o duo revela instantes em que os ouvidos se deliciam e têm vontade de aplaudi-los – eles têm tal segurança que se dão a um acorde perfeito ao final.

"Valsa Choro" (Osvaldo Lacerda): o piano abre e traz o clarinete. Juntos, ricos em virtuosismo técnico e em emoção, nos dão o som que criam.

"Turbulenta" (Léa Freire): clarone e acordeom vêm em duo. Espan-tosos são os resultados da junção dos timbres dos instrumentos. O tema de Léa Freire os conduz a caminhos harmônicos inusuais, trazendo um imprevisto a cada acorde. Um rallentando conduz ao final, mas não sem antes incendiar o ritmo. Meu Deus!

"Sorriso de Criança" (Luísa Mitre): clarinete e sanfona abrem. A peça, brejeira que só, se deixa descobrir alegremente. A sanfona resfolega. O clarinete tem a melodia.

"Vila" (Marcos de Sá): dando-

-se o prazer de tocar o que lhes vem à alma, o piano oferece a melodia ao clarinete. A segunda parte vem sapeca, o suingue rola, logo uma valsinha se impõe e dá vida ao tema.

"Manhã de Café" (Marcos de Sá): novamente, clarone e acordeom causam sensações de pulsante magnitude sonora. E a brasilidade revela o seu poder de ser linda em sua diversidade.

"Cabaceira Mon Amour" (Sivuca e Glória Gadelha) finaliza o CD com o quinteto Brazú Quintê, que se juntou ao duo para tocarem o arranjo de Fábio Leal, diretor musical de Prosas – álbum de estética musical lapidar. Ouça o álbum: https://open.spotify.com/intl-pt/album/5d9ple5jLB1uO-7bun0e8Sy?si=vNnpbj1_SG2ps-NrE8llmWQ

*Vocalista do MPB4 e escritor